

O contemporâneo dança-se no CAAA

• Catarina Castro Abreu

Dois grandes nomes portugueses da dança contemporânea actuam este sábado, pelas 22h00, no Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura (CAAA). Tânia Carvalho prossegue uma carreira sólida em Inglaterra, França e Alemanha e Luís Guerra foi considerado um dos 20 melhores bailarinos contemporâneos do mundo pela revista britânica *Dance Europe*.

De Viana do Castelo, onde vivem, os dois bailarinos vêm a Guimarães apresentar “Qqywqu’ddyll’o” e “Como se pudesse ficar ali para sempre”. “Qqywqu’ddyll’o” é um tipo de arte de laocoit, dançado geralmente por um homem e musicalizado por uma mulher. A mulher segue sempre uma partitura rigorosa que constitui uma forma ancestral de poesia musical. Cada nuance de tempo específico entre cada som corresponde a uma determinada letra e os próprios sons podem corresponder a diferentes sílabas. O conjunto desses silêncios e sons diferentes forma palavras que dão forma a um poema que geralmente se versa sobre as temáticas da beleza, do amor e da elegância”, lê-se na nota sobre o espectáculo.

Prossegue dizendo que “Qqywqu’ddyll’o” exige que os ouvintes familiarizados com esta arte laocoit, contêm constantemente os tempos para dessa forma visualizarem palavras vindas do vazio. O homem é quase sempre um elemento ornamental que se limita a dançar abstracções, tornando-se para quem está acostumado, na própria banda sonora do texto. A sua dança não deve jamais ilustrar o poema. Qqywqu’ddyll’o” é uma arte destinada a teatros e deixa-se acompanhar na maioria das vezes por elementos cénicos que retratam elementos geográficos de Laocoi, seja por linhas de relevo ou ainda por imagens fotográficas que encarnem o vento que sempre sopra forte no arquipélago”.

Com a criação e composição coreográfica, cénica e musical de Luís Guerra de Laocoi, também interpretado por Bruna Carvalho (música), “Qqywqu’ddyll’o” tem projecção fo-



tográfica de Carol Carvalho, figurinos de Aleksandar Protic, José Iglésias é técnico responsável de luz e som, produção e difusão de Ana Rita Osório, numa produção de Bomba Suicida, com co-produção do Teatro Municipal Maria Matos.

Já sobre “Como se pudesse ficar ali para sempre”, Tânia Carvalho diz que “gostava de conseguir construir uma dança da mesma forma que um pianista se senta ao piano e de lá “tira” uma música. Esta dança é uma composição de movimentos para criar sensações”. Interpreta-

“Qqywqu’ddyll’o” é um tipo de arte de laocoit, dançado geralmente por um homem e musicalizado por uma mulher.

do por Tânia Carvalho, responsável também pelos figurinos, “Como se pudesse ficar ali para sempre” tem desenho de luz da autoria de Zeca Iglésias. Tal como a peça de Luís Guerra, é produzida pela Bomba Suicida, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian / DGARTES (Direcção Geral das Artes).

Luís Guerra de Laocoi nasceu em Noi e reside em Viana do Castelo. Integra a Bomba Suicida desde

2008 e cria espectáculos de dança desde 2005, tendo o seu trabalho sido apresentado com frequência pela Europa e pontualmente no Médio Oriente e América do Sul. Trabalha regularmente como intérprete de dança para coreógrafos portugueses e estrangeiros e esporadicamente como actor de teatro e de cinema. Chegou também a experimentar performances em concertos de música e uma participação televisiva. Formou-se em dança no Conservatório Nacional e em coreografia no PGCCA. Deixou o seu curso de estudos europeus na Universidade de Lisboa incompleto mas tem mantido a sua paixão pela Geografia activa através da produção de desenhos de mapas, a lápis ou caneta.

Já Tânia Carvalho nasceu em Viana do Castelo e é co-fundadora da Bomba Suicida – Associação Cultural. Em 1997 ingressou no Curso de Intérpretes de Dança Contemporânea Fórum Dança e em 2005 realizou o Curso de Coreografia da Fundação Calouste Gulbenkian. Tem participado em vários trabalhos tanto a nível interpretativo como criativo onde tem colaborado com os coreógrafos Francisco Camacho, Carlota Lagido, David Miguel, Filipe Viegas, Vera Mantero. Como actriz trabalhou com o Projecto Teatral. Tânia Carvalho desenvolve paralelamente os projectos musicais Madmud, Trash Nymph e Moliquentos.

ESTANTE ACIDENTAL

por Ricardo Gonçalves

“Talvez a morte tenha mais segredos para nos revelar que a vida” — Gustave Flaubert

Nada a Temer de Julian Barnes (Quetzal)

Há na vida, e conseqüentemente nas leituras uma dose grande de coincidências. O facto de Julian Barnes ter ganho o Man Booker Prize de 2011 era-me completamente estranho até, de uma forma mais ou menos concentrada me ter deparado com o seu nome de múltiplas formas num espaço de tempo relativamente curto. A primeira, e que não é a que menos me impressionou foi uma entrada no blogue “Tempo Contado” do Mestre J. Rentes de Carvalho relativamente ao livro “A Sense of an Ending” de Barnes e onde manifesta uma grande surpresa relativamente aos seus (do livro) méritos. Não deixa Rentes de Carvalho, no entanto, de referir que o “Papagaio de Flaubert” é um grande livro, o que fez que esse título integrasse de imediato a minha lista de compras. A respeito dessa lista virtual, penso publicá-la numa das próximas edições, numa tentativa descarada de me fazer a eventuais presentes de amigos. Voltando ao assunto, e ao caminho que me trouxe até este livro, melhor dizendo, que o trouxe até mim. Foi uma prenda de Natal que por motivos da minha ausência nessa quadra só me foi entregue na Passagem de Ano, pelo meu compadre e já aqui referido autor Ricardo Alexandre. Foi assim, com o “apadrinhamento” duplo da referência de J. Rentes de Carvalho e do Ricardo Alexandre, um por via de crónica outro por vias de facto, que o livro aterrou lá em casa. Ora como tenho repetido nestas últimas edições da “Estante”, o tempo para leituras está razoavelmente escasso pelo que, não “julgando o livro pela capa”, tudo o que tenha mais de 300 páginas está profílicamente a ser procrastinado para dias melhores, ou pelo menos com mais horas úteis. Assim, julgando o livro pela lombada, foi neste que mergulhei. Não sei bem se o registo habitual de Barnes é sempre este, reservo melhor opinião para segundas e/ou terceira leituras da obra deste autor. Este pareceu-me claramente autobiográfico em muito do que li, apesar de não ter conseguido confirmar o facto, o registo é muito esse. É uma reflexão à luz de tudo o que sabemos (o que o autor sabe, pelo menos) sobre a temática da morte. É uma viagem ao fim, onde nos acompanham, os amigos, a família e de entre esta sobretudo o irmão mais velho, filósofo racionalista. Viajamos entre tudo aquilo que a morte encerra e promete a crentes e não crentes. Uma visão particular sobre a última viagem, que, no final remete apenas para o que cada um de nós consegue adivinhar a respeito disso. Não impõe credo, direcção ou metodologia, simplesmente nos faz pensar. O que, se pararmos um pouco, é o que de melhor um livro nos pode fazer. É de ler, claramente sem nada a temer. Boa semana e ... Boas Leituras!

Na Mesinha De Cabeceira:

Kyoto de Yasunary Kawabata (Dom Quixote)
Guimarães no Século XX Vol. II de Raul Rocha (Povo de Guimarães)
Rever Portugal de Jorge de Sena (Guimarães)
O Escrivão Público de Tahar Ben Jelloun (Cavalo de Ferro)
Uma Mentira Mil Vezes Repetida de Manuel Jorge Marmelo (Quetzal)
O Homem Que Gostava de Cães de Leonardo Padura (Porto Editora)
O Ano do Dilúvio de Margaret Atwood (Bertrand)
A Contadora de Filmes de Hernán Rivera Letelier (Editorial Presença)

Também em www.estanteacidental.blogspot.com